

FRANCISCO VILLAESPESA: UM POETA MODERNISTA NO BRASIL

Francielle Piuco Biglia (UPF e USP)¹
Ricardo Souza de Carvalho (USP)

RESUMO: O poeta, dramaturgo e tradutor andaluz Francisco Villaespesa (1877-1936) é conhecido –sem certo esquecimento pela crítica espanhola atual– por ser um dos grandes defensores do Modernismo espanhol através da obra *La Copa del rey de Thule* (1900) que anunciava a primeira mostra da nova escola poética na lírica espanhola. Foi ele quem desempenhou o papel de articulador entre os poetas do Velho e do Novo Mundo, além de servir como bússola no intuito de guiar a Espanha na busca por novas estéticas literárias. Desta maneira, incita a curiosidade entre os literatos e frequentadores de tertúlias de Madri ao introduzir a este grupo versos de novos autores de difícil circulação.

Durante sua permanência no Brasil, no período entre 1928 a 1931, Villaespesa entra em contato com vários expoentes da vida literária brasileira, entre eles o Ministro das Relações Exteriores Otávio Mangabeira, quem lhe confia um copioso número de traduções que formariam parte da “Biblioteca Brasileña”, permitindo, dessa maneira, a circulação e a divulgação dos nossos poetas e escritores célebres em solo espanhol. O projeto, ainda que audacioso, faz parte de um caso de recepção literária aparentemente sem final feliz. Villaespesa tem que voltar às pressas à sua terra natal devido a uma grave doença e decide enviar as caixas contendo a coleção da “Biblioteca” antes da sua partida. Ao chegar à Espanha, não consegue recuperá-las –são extraviadas ou roubadas– e com elas perde-se a possibilidade da literatura brasileira de conseguir uma acolhida fora do território nacional. À luz do exposto, nosso trabalho tem como objetivo recuperar a figura de Francisco Villaespesa dentro da poética Modernista espanhola e formular algumas hipóteses do que significou o estranho caso da “Biblioteca” na história de recepção das letras brasileiras na Espanha.

Palavras-chave: Francisco Villaespesa. Modernismo espanhol. Poesia brasileira. Recepção literária. Tradução literária.

Introdução

Este trabalho de aproximação à figura do poeta, dramaturgo e tradutor de literatura brasileira Francisco Villaespesa (1877-1936) iniciou-se a partir de uma pesquisa mais ampla que trata sobre momentos decisivos da recepção e tradução da literatura brasileira

¹ Em regime de cotutela com a Universidade Pompeu Fabra (Barcelona) e a Universidade de São Paulo.

na Espanha do século XX. Seguindo uma cronologia da recepção através de críticas literárias e, especialmente, de traduções, encontramos no cenário literário espanhol alguns intelectuais que estenderam esta ponte até o Brasil. Estas relações literárias, que não foram constantes, passaram por altos e baixos devido a processos políticos, movimentos literários e fragilidades humanas, a que qualquer pessoa não deixa de estar suscetível. Contudo, ao reconstruir essas relações, nas décadas de 20 e 30 do século passado, percebemos que, de alguma maneira, a literatura brasileira não passa despercebida aos olhares estrangeiros; e que de fato houve quem se interessasse por ela, num movimento sistemático de estudo, tradução com vistas à publicação; e com isso, contestamos algumas falsas suposições sobre sua ausência ou desconhecimento em território espanhol.

Como peça fundamental para a reconstrução desses laços literários, vamos trazer à luz a figura do poeta andaluz Francisco Villaespesa –defensor aguerrido do Modernismo espanhol² na virada do século–, quem assumiu o papel de divulgador das letras brasileiras na Espanha.

Tendo em vista que o termo “Modernismo” pode trazer um significado ambíguo, esclarecemos que ele não equivale ao Modernismo no Brasil, relacionado com as vanguardas históricas europeias do século XX.

O Modernismo na literatura de língua espanhola tem como porta-voz Ruben Darío, um poeta da Nicarágua, quem publica *Azul* em 1888 e influencia, assim como outros poetas da América Hispânica, a produção literária na Espanha.

Neste estudo, recordamos, de modo simplificado, que o Modernismo espanhol foi uma tendência artística e literária surgida no final do século XIX e que tem como essência refinar a linguagem lírica através das “sensações”, sob a influência parnasiana e simbolista. Como fonte de inspiração e modelo a seguir, por exemplo, os modernistas seguiram a onda de evolução dos sentidos na poesia de Baudelaire. Para ilustrar, reproduzimos os versos finais de seu poema “Correspondances”: “Ayant l'expansion des choses infinies,/ Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,/ Qui chantent les transports de l'esprit et des sens”³.

Essas imagens podiam ser consideradas extravagantes para a época, mas tratam-se, na realidade, de uma percepção aflorada que se “expande” num jogo de cores, sons e

³ Que possuem a expansão das coisas infinitas. / Como âmbar, o musgo, o benjoim e o incenso, / Que cantam os arrebatamentos do espírito e do sentido.

aromas, de forma que o Modernismo enriquece a linguagem lírica e expressa essa nova sensibilidade e inquietude desse tempo.

O poeta Francisco Villaespesa: uma aproximação

Rubén Darío, ao responder a pergunta “¿Qué piensa usted sobre el estado actual de la poesía española?” (DARÍO, 1906, p.201), formulada pelo redator da revista *Mercure de France*, Enrique Gómez Carrillo, inclui o nome do poeta Francisco Villaespesa ao lado de escritores espanhóis que ficaram para a posteridade: Antonio e Manuel Machado, Unamuno e Juan Ramón Jiménez; e deixa a seguinte descrição:

Otro es Francisco Villaespesa. Enamorado de todas las formas, seguidor de todas las maneras, hasta que se encontró él mismo, si es que se ha encontrado. Dice ya sus propios ensueños y canta su mundo interior de modo que, ciertamente, seduce y encanta. También es cierto que ha sufrido mucho, y que no hay mejores indicaciones que las de Nuestro Maestro el Dolor (DARÍO, 1906, p. 208).

O poeta Francisco Villaespesa, “seguidor de todas las formas”, havia cantado uma espécie de bordão ditado pelo poeta italiano Gabriele D’Annunzio “o rinnovarsi o morire”. Estas palavras são reproduzidas no prefácio da obra *La copa del rey de Thule* (1900) de Villaespesa e sintetizam seu escopo ao encarnar em suas páginas a primeira mostra do movimento modernista na Espanha.

Na capital espanhola, entre os séculos XIX e XX, a presença de Rubén Darío faz de trampolim à nova estética e Villaespesa, estimulado pelo poeta nicaraguense, chega a influenciar a publicação de *Ninfeas* e *Almas de violeta* do poeta Juan Ramón Jiménez, ambas de 1900; assim como as obras poéticas posteriores de *Alma* (1902) de Manuel Machado e *Soledades* (1903) de seu irmão Antonio Machado.

Ao trazer consigo ares de renovação, *La Copa del rey de Thule* não deixa de causar estranhamento ou admiração, dividindo a crítica espanhola finess secular. O famoso crítico Leopoldo Alas, mais conhecido como Clarín (1852-1901) assume desde o princípio uma atitude antimodernista. Clarín não economiza palavras e dá tinta à sua pluma na “luta” contra o Modernismo. Na revista *Pluma y Lápiz*, publicada em Barcelona, Clarín se mostra fiel em sua luta e tece sua crítica burlesca em forma de versos “al autor he de decirle/ sin rodeos,/ que no hay nada que revele todo el libro/ni un chispazo/ del ingenio/ los lugares más comunes por doquiera:/ todo el año treinta y cinco malos versos” (CLARÍN, 1901, p. 427).

Já na revista de Málaga *Noche y día* de 1900, publica-se uma das críticas favoráveis à novidade da obra de Villaespesa, intitulada “Triunfos: La copa del rey de Thule”⁴. Nela, o autor da crítica, o poeta Juan Ramón Jiménez, reconhece os aspectos de ruptura frente aos velhos modelos do século XIX. Segundo Juan Ramón Jiménez:

(...) todas las frases y todas las palabras del libro de Villaespesa son perfectamente apropiadas; todas dan una sensación, y yo quiero antes sensaciones que formas gramaticales, aun cuando para producir una sensación haya que metaforizar ó simbolizar ideas de la manera más atrevida (JIMÉNEZ, 1909, 16-17).

Neste mosaico de virada do século literário, na agitação de ideias e de busca por novas linguagens e “sensações”, começam a despontar revistas literárias que traduzem a nova sensibilidade da época. Movido por este afã, Villaespesa ajuda a fundar numerosas e efêmeras revistas, entre elas, *Electra* (1901), na qual surgiram versos produzidos no continente americano, incluindo uma das primeiras traduções de poesia brasileira: “La muerte del Jaguar”⁵ do poeta parnasiano Luís de Guimarães Júnior (1845-1898), traduzida por Viriato Díaz y Pérez. Extraída da obra *Sonetos e rimas*, de 1880, a tradução da poesia intitulada em sua versão original “Jaguar”, preanuncia o interesse dos modernistas pelo ambiente exótico em que abundam os adjetivos.

É interessante notar que, neste contexto do Modernismo espanhol, se espantam os velhos fantasmas literários, ao criar um ambiente de maior liberdade onde se abandonam os padrões de uniformidade literária. Como menciona Ruben Darío ao pôr as letras espanholas atuais num alto patamar: “La calidad es ya otra, gracias a la cultura importada, a la puerta abierta en la vieja muralla feudal” (DARÍO, 1906, p.208).

Na “extravagância” de sua juventude de início do século, Villaespesa assume o Modernismo –movimento resistente a teorias e programas– com uma atitude e comportamento provocadores. Na miséria dissimulada através de uma boêmia com postura aristocrática, seu anticonformismo não era só de ordem literária ao rechaçar os “velhos moldes literários”, mas também mostrava seu desencanto com o mundo positivista. Em muitos estudos, como aponta a estudiosa Lily Litvak na nota preliminar do livro *El Modernismo*, publicado em 1975:

Se subraya el esteticismo modernista y se olvida de señalar que esta actitud era una reacción al asfixiante materialismo de la clase media, un

⁴ Esta resenha será utilizada como prólogo na terceira edição da obra em 1909 com o título “Elogio del poeta”.

⁵ GUIMARÃES DE, Luís. Jaguar. Tradução de Viriato Díaz y Pérez, *Electra*, Madri, n.4, p. 117, 6 abr. 1901.

deseo de sustituir la darwiniana “lucha por la vida” de esa sociedad por la premisa de “la vida por el arte”, o, mejor aún, “la vida como arte” (LITVAK, 1986, 12, aspas do autor).

Movido por este afã modernista “la vida como arte” Francisco Villaespesa se relaciona com um número variado de poetas da América Latina e traduz escritores portugueses e italianos, prefacia inúmeros livros e se dedica não só a realizar sua obra, mas se ocupa de livros de outros escritores e amigos produzindo uma vasta correspondência literária.

As relações culturais entre Espanha e a América Hispânica eram parte dos elementos caracterizadores do Modernismo. Além disso, Villaespesa se aproxima da produção literária portuguesa, regido pelo signo da irmandade entre Portugal e Espanha, influenciado pelos ideais defendidos por intelectuais entre os séculos XIX e XX, que concebiam a união cultural e política da Península Ibérica. Em 1904, Villaespesa visita Portugal e, na sua infatigável atividade literária, cria uma rede de amizades entre os literatos portugueses para conhecer e ser conhecido através de traduções e revistas literárias.

De pano de fundo, havia o desencanto e, por meio dele, um processo de reavaliação artística e filosófica vivido na Espanha, depois do colapso do seu Império em 1898. Nesse ideário que animava o resgate do espírito ibérico num período de questionamentos, Villaespesa reconhece a necessidade de fortalecer os laços culturais que unem Espanha a Portugal, mostrando desde cedo seu interesse pela lírica produzida na Península Ibérica. Além disso, como parte desse ideal, o poeta concebe a união espiritual e cultural dos países ibéricos com os países da América Latina, incluindo o Brasil.

Seu interesse por novas estéticas, o espírito de união ibérica aliado à sua adesão sem volta ao Modernismo e a necessidade de estreitar laços com movimentos literários e políticos do Novo Mundo preparam o terreno na incursão do poeta nas letras brasileiras.

Francisco Villaespesa no Brasil

Villaespesa realiza duas estadias na América Latina, separadas por uma brevíssima volta à Espanha, totalizando um período de mais de uma década em território americano: entre 1917 e 1931.

A primeira viagem, iniciada em abril de 1917, tem como seu primeiro destino o México, passando, depois, por Cuba, República Dominicana, Porto Rico até chegar à

Venezuela, em 1921. Segundo o seu biógrafo J. Alvarez Sierra⁶, Villaespesa “consciente de los imperativos raciales de la cultura ibérica, llevó a cabo de su bolsillo particular y por su propia iniciativa” (ALVAREZ, 1949, p. 136). A viagem, na realidade, foi patrocinada pelo Presidente da República Mexicana Venustiano Carranza, com a intenção de estreitar laços intelectuais com a Espanha. Villaespesa aceita o convite para dar inúmeras palestras, colaborar na imprensa das localidades que visita, prefaciando livros de poetas e dramaturgos; além disso, aproveita para dar impulso à sua carreira teatral, gênero cultivado a partir da obra *El alcazár de las perlas* (1911)⁷ e apresenta em distintos teatros suas obras teatrais, como *La maja de Goya*, *Doña María de Padilla*, entre outras obras.

Na República Dominicana ocupada pelas tropas dos Estados Unidos, Villaespesa anima seus habitantes, ao escrever (e recitar) o livro *La isla crucificada: Santo Domingo*, a rebelarem-se contra seus invasores. Essa provocação causa a detenção e encarceramento do poeta, que é resgatado graças ao corpo diplomático.

Esta primeira fase de seu itinerário americano, iniciada em 1917, finaliza-se com a oferta do presidente da Venezuela, Juan Vicente Gómez, para Villaespesa apresentar sua obra dramática *Bolívar*, disponibilizando os meios econômicos e os arquivos históricos do país. Para a realização de tal façanha artística, Villaespesa regressa à Espanha em fevereiro de 1921, com o objetivo de montar uma companhia teatral. Ele volta à Venezuela, em setembro de 1921, com o grupo formado para apresentar *Bolívar* para a Festa Nacional de Carabobo.

Sua segunda viagem para a América Latina viria a se tornar uma permanência de dez anos. Sua itinerante vida literária, repleta de peripécias, estava muito longe de ser pacata, devido à vida de ostentação aliada ao descuido econômico do literato Villaespesa. No entanto, isso não impediu de seguir transitando por distintos países, como Cuba, Colômbia, Panamá, Peru, Argentina, até chegar ao Uruguai, em 1928, com a intenção de regressar definitivamente à Espanha. Uma vez em Montevidéu, Villaespesa recebe o convite de honra do Governo do Rio Grande do Sul e da Academia Brasileira de Letras para conhecer o Brasil. Mais uma vez, a visita, que seria de caráter breve, faz o poeta de

⁶ Existem poucos textos sobre a vida de Villaespesa. Em nosso estudo, além da biografia sobre Francisco Villaespesa de J. Alvarez Sierra (1949), consultamos também a recente biografia de DÍAZ ALONSO, José Francisco. *Francisco Villaespesa: Retrato de un poeta inquieto*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2012.

⁷ A obra *El alcazár de las perlas: leyenda trágica en cuatro actos y en verso* teve estreia no teatro Isabel la Católica no dia 8 de novembro de 1911 e foi publicada em 1912 pela editora Renacimiento.

Laujar de Andarax adiar seu regresso definitivo à Espanha, permanecendo no Brasil até 1931.

No Brasil, o poeta começa sua peregrinação a partir de Porto Alegre. No jornal local, *Diário de Notícias*, publica-se o testemunho do interesse e do entusiasmo do poeta da *Copa del rey de Thule* ao se encontrar em terras brasileiras, tanto que “não podia” – diz Villaespesa– “voltar a Espanha sem conhecer esse país imenso e rico de poetas admiráveis que estão dentro da minha admiração”⁸. E antecipa algumas traduções por ele iniciadas dos poetas parnasianos Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira e, entre os modernos, cita Menotti del Picchia com o “delicado trabalho poético que é 'Mascáras' ”; além de referir-se ao poeta simbolista gaúcho, Alceu Wamosy⁹.

Nesta primeira reportagem dada pela imprensa brasileira da qual temos notícia, a intenção de Villaespesa é de repetir, como nos outros países, suas atividades itinerantes de realizar palestras, participar de banquetes literários, sem perder de vista sua produção literária, que no Brasil se desdobra na atividade de tradução.

O poeta peregrino visita Santos, São Paulo, Curitiba, Niterói, e tem como seu último destino Rio de Janeiro, para receber a honorífica nomeação da Academia Brasileira de Letras que lhe é ofertada. No Rio de Janeiro, o Ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, convida Villaespesa a realizar a tradução de uma copiosa seleção de obras literárias brasileiras, a fim de fundar a coleção “Biblioteca Brasileña” em língua espanhola, “destinada a ser el más vivo e intenso lazo de unión espiritual entre todos los pueblos de origen ibérico, com la más honda gratitud y la más fervorosa admiración” (VILLAESPESA, 1930, n.p).

O projeto da “Biblioteca” chega a ser matéria de jornal no outro lado do Atlântico. O jornal *Heraldo de Madrid* anuncia que “la literatura menos conocida para nosotros hasta ahora era la brasileña” e que, através do trabalho realizado por Villaespesa, “La biblioteca brasileña en idioma castellano es una espléndida realidad”. E descreve a variedade das obras traduzidas, ao selecionar para a biblioteca “obras de verso, de prosa, de teatro y libros, seleccionando además trabajos poéticos que forman una antología en varios tomos” (IDELFONSO, 1930, p. 8).

⁸ Encontramos este recorte do jornal *Diário de Notícias* intitulado “Acha-se em Porto Alegre o fulgurante poeta espanhol” sem data marcada no portal “Villaespesa y los escritores almerienses”, disponível em <http://villaespesa.ual.es/>. Acesso em 28 de out. de 2016.

⁹ Poeta pouco estudado, Alceu de Freitas Wamosy nasceu em 1895, em Uruguaiana, e falece em 1923, aos 28 anos, na Revolução de 1923, atingido por uma bala.

Infelizmente, em 1931, Villaespesa tem que voltar às pressas à sua terra natal devido a uma hemiplegia, de modo que –sem dinheiro– pede a repatriação ao governo espanhol. Antes de sua partida, ele decide enviar as caixas contendo a coleção da “Biblioteca” à Espanha, mas não consegue recuperá-las –que são extraviadas ou roubadas– segundo diferentes versões.

Seguindo uma ordem cronológica, o crítico A. De Larragoiti (1943) declara que, ao adoecer, o poeta envia à sua filha quarenta tomos de poesia brasileira, antes de ser repatriado; mas num ataque de ira, sua filha não quis mais restituir ao pai a obra traduzida. De acordo com uma versão diferente, do médico do poeta, J. Álvarez Sierra (1949), Villaespesa teria regressado com a biblioteca inteira, mas as caixas são roubadas e mesmo que ele tenha conseguido recuperá-las depois, a maioria dos livros teria desaparecido.

Este projeto audacioso faz parte de um caso de recepção literária aparentemente sem final feliz; e dos prováveis tomos de poesia e obras de teatro, além de “livros” em geral que formariam parte da desejada “Biblioteca Brasileña”, somente se publicam três obras, em 1930, pela casa editora de Madri Alejandro Pueyo: *Sonetos y poemas* de Olavo Bilac, *El navio negrero y otros poemas* de Castro Alves e, por último, a poesia de Ronald de Carvalho, *Toda la América*.

Significativo seria o livro de poesia publicado pelo poeta em 1935, *Manos Vacías*, que resume bem esse episódio de sua vida. O poeta volta cansado e doente à sua terra. E não consegue recuperar seus manuscritos com traduções de literatura brasileira, além de obras de sua própria criação que iriam lhe garantir seu sustento.

Enquanto isso, no Brasil, algumas obras traduzidas por Villaespesa, finalizadas e levadas à impressão, têm sua publicação interrompida ao estalar a Revolução de 30, mudando de maneira precipitada o projeto de divulgação e, inclusive, chegando a perder o trabalho já feito na impressão. Na terceira edição de 1935 da tradução de Villaespesa de *Toda la América* de Ronald de Carvalho, o editor, P. Núñez Arca, adverte o público leitor da seguinte maneira:

Recibí múltiples cartas pidiéndome esos libros, de casi todos los países de América, especial y repetidamente de México, Chile y Argentina, motivando esto una segunda edición de "Toda la América", así como de las primeras, también agotadas, de Castro Alves y Olavo Bilac, conjuntamente con "Luz Mediterránea" de Raul de Leoní y dos volúmenes más: "Los Parnasianos" y "Teatro Brasileño". Estaba procediéndose a la encuadernación de este libro y a la impresión de los demás, cuando estalló la revolución del 30, trastornando los planes de divulgación, con esta forma, del pensamiento brasileño, perdiéndose inclusive todo el trabajo realizado en la imprenta (ARCA, 1935, p.6).

E a história acabaria por aqui, com este ar de mistério que ronda a “Biblioteca Brasileña”, já que, por um lado, este caso de recepção da literatura brasileira na Espanha é interrompido com o extravio (ou roubo) dos manuscritos na Espanha; enquanto no Brasil, o fim da República Velha supõe uma forte mudança na política internacional do país, e o projeto de divulgar a literatura brasileira em âmbito espanhol é abandonado.

No entanto, em 1978, com vista à comemoração do centenário do nascimento de Villaespesa, a *Revista de cultura brasileña* (nº. 46, junho de 1978) publicada em Madri, dedica suas páginas ao poeta que iria traduzir “Nada menos que ochenta volúmenes que irían integrar la «Biblioteca Brasileña»” (1978, p.31). No artigo sem autor, intitulado, “Poetas brasileños traducidos por Villaespesa”, aparecem publicados alguns poemas com traduções inéditas de Villaespesa encontrados no Brasil, sob custódia da viúva de Ronald de Carvalho. Os poemas traduzidos são acompanhados por uma breve nota explicativa para cada autor: “Soneto”, de Gregório de Matos; “Ser y no ser”, de José Bonifácio de Andrada; “A Carolina”, de Machado de Assis; “También ella”, de Junqueira Freire; “Los Krupinos”, de Felipe Oliveira; “El camarín”, de Gonçalves Crespo; “Momia”, de Cruz e Sousa; “Súcubo”, de Emiliano Pernetta; “Soneto XLI”, de Alphonsus de Guimaraens; “Profundamente”, de Manuel Bandeira; “Balada de las tres princesas”, de Cecília Meireles; e “Bonanza” de Henriqueta Lisboa.

Isto provaria que, além dos manuscritos na Espanha, o poeta teria deixado alguns manuscritos dispersos no Brasil; e que, além dos três livros publicados, algumas traduções teriam sido “perdidas” na impressão, como, por exemplo, a tradução de Villaespesa da *História de la Literatura Brasileña* de Ronald de Carvalho, da qual não dispomos de nenhum exemplar, mas que formaria parte do conjunto da obra do poeta brasileiro ¹⁰.E, ao que tudo indica, mostra a intenção de Villaespesa de que uma parte da coleção ou “biblioteca” seria destinada a uma antologia em diferentes tomos, já que o tradutor verte ao espanhol poetas de diferentes épocas e escolas poéticas.

Conclusões

Estas observações preliminares têm como objetivo redimensionar a figura de Francisco Villaespesa no Modernismo espanhol e trazer à luz o desempenho do poeta

¹⁰ Na seção “Obras de Ronald de Carvalho” aparece a obra *Historia de la literatura brasileña* traduzida por Villaespesa e publicada em 2 volumes pela editora Alejandro Pueyo (Madri, 1931). Até agora não encontramos esta obra catalogada em nenhum lugar.

como articulador entre os poetas do Velho e do Novo Mundo, assim como bússola no intuito de guiar a Espanha na busca por novas estéticas literárias, que na última etapa de sua vida, culmina com a vinda ao Brasil.

O esforço do poeta Francisco Villaespesa através da criação da “Biblioteca Brasileña” e do que poderia ter significado para a recepção das letras brasileiras faz parte de uma crônica sem final feliz, mas que pode reservar futuras surpresas na história de aproximação entre Espanha e Brasil.

Referências

- ALVAREZ, J. Sierra. *Francisco Villaespesa*. Madri: Editora Nacional, 1949.
- ARCA, P. Núñez. Nota del Editor. In CARVALHO, Ronald. *Toda la América*. São Paulo-Rio: Editora Hispano-Brasileña, 1935. p.6.
- CLARIN. Menudas letras. *Pluma y Lápiz*, Barcelona, nº 36, p. 426-427, 7 jul. 1901.
- DARÍO, Rubén. *Opiniones*. Volumen X de las obras Completas. Madri: Editorial Mundo Latino, 1906.
- IDELFONSO, Mariano San,. La literatura brasileña ha sido traducida al nuestro idioma por el ilustre poeta Villaespesa. *Heraldo de Madrid*, Madri, p. 8-9, 5 jun. 1930.
- JIMÉNEZ, Juan Ramón. Elogio del poeta. In VILLAESPESA, Francisco. *La copa del rey de Thule: poesías*. 3ª edição. Madri: Librería de G. Pueyo, 1909. p.9-17.
- LARRAIGOTI, A. Francisco Villaespesa: inédito. *Cuadernos de literatura contemporánea*, Madri, 7, p. 89-106, 1943.
- LITVAK, Lily. Nota Premilinar. IN LITVAK, Lily. *El Modernismo*. 2ª edição. Madri: Taurus, 1986. p. 11-14.
- POETAS brasileños traducidos por Villaespesa, *Revista de cultura brasileña*, Madri, n.36, p. 31-41, jun. 1978.
- VILLAESPESA, Francisco. Dedicatoria. In: ALVES, Castro. *El Navío negrero y otros poemas de Castro Alves*. Madri: Alejandro Pueyo. 1930.